



MARIA IMACULADA SILVA DE ALMEIDA

**O CAMPO EDUCACIONAL NO  
COMBATE AO RACISMO RELIGIOSO**

Produto Educacional  
2022



MARIA IMACULADA SILVA DE ALMEIDA

# **O CAMPO EDUCACIONAL NO COMBATE AO RACISMO RELIGIOSO**

Produto Educacional  
2022

# O CAMPO EDUCACIONAL NO COMBATE AO RACISMO RELIGIOSO

**Autoria:**

Maria Imaculada Silva de Almeida

**Orientação:**

Profa. Dra. Cícera Nunes

**Instituição:**

Universidade Regional do Cariri - URCA  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa - PRPGP  
Mestrado Profissional em Educação - MPE

**Diagramação e design:**

André Luiz dos Santos (André Castillo)

**Foto da capa:**

Acervo pessoal de Maria Isabel Galdino dos Santos

**Fotos internas e da contracapa:**

Acervo pessoal de Diego Cesar dos Santos

## APRESENTAÇÃO

Essa cartilha é resultado de uma pesquisa realizada através do Mestrado Profissional em Educação (MPE) da Universidade Regional do Cariri (URCA), que pretendeu apontar o campo educacional como possibilidade para se trabalhar o combate ao racismo religioso. Na pesquisa, labutamos com a Caminhada pela Liberdade Religiosa, Juazeiro do Norte - Ceará.

Na cidade de Juazeiro do Norte, efetivamente na Rua São Pedro, rua principal da cidade, ocorre o movimento social que acontece anualmente desde 2010 e que na atualidade tem o título de Caminhada pela Liberdade Religiosa. Esse movimento social é organizado, como nos apresenta em entrevista Herlania Batista Galdino (entrevista concedida em outubro/2020), pelos terreiros de candomblé, umbanda e jurema da cidade, e tem como propósito combater as violências que sofrem as pessoas de religião de matriz afro-ameríndia.

As religiões de matriz africana trazem em sua potencialidade, como afirmam Denise Botelho e Wanderson Flor do Nascimento (sem data), a educação. Pois a educação dentro dos terreiros tem característica social e coletiva. Assim, essa educação foi levada para a rua São Pedro na cidade de Juazeiro do Norte anualmente no dia 21 de janeiro (Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa) através da Caminhada pela Liberdade Religiosa, desde 2010.

Nessa ocasião, os terreiros mostram o Axé do seu povo, mostrando, portanto, que a educação coletiva e social é um princípio das religiões de matriz africana. Nas Caminhadas, os terreiros educam os cidadãos e cidadãs da região do Cariri cearense a respeitarem os direitos dos povos de terreiro de manifestarem suas crenças de forma livre.

Portanto, nesse estudo entrevistamos quatro pessoas, duas delas são fundadoras e da organização da Caminhada pela Liberdade Religiosa, as outras duas pessoas são militantes do movimento negro e compuseram, inicialmente, a organização da Caminhada, no entanto hoje em dia não estão mais na organização. Entretanto, essas pessoas ainda fortalecem o movimento do povo de terreiro.

Maria Isabel Galdino dos Santos, com idade de 63 anos, é a nossa mais velha na cidade de Juazeiro do Norte. Desde criança já se sentia conectada com a religião de matriz africana. A entrevistada citada é conhecida em todo Cariri como Mãe Maria, ela é a líder espiritual do terreiro Candomblé Ilê Axé Omim Dandereci Mutalêgi, localizado na cidade de Juazeiro do Norte, Bairro João Cabral. Ela (Maria Isabel Galdino dos Santos, entrevista concedida em outubro de 2020) nos diz sabiamente que “o meu sonho era aquele de ser igual os outros, porque eu não acho que ninguém é melhor do que ninguém”.

Herlania Batista Galdino, assistente social, Doné Herlania é líder espiritual da organização religiosa Candomblé Quilombaxé Kwê Cêja Omi Ypondá. Sendo neta e filha de umbandistas, nasceu dentro da religião de matriz africana.

Diego Cesar dos Santos, residente da cidade de Juazeiro do Norte, com formação em História. Compôs o GRUNEC<sup>1</sup> (Grupo de Valorização Negra do Cariri) no período que esteve à frente nas primeiras Caminhadas. A primeira Caminhada foi no ano de 2010, Diego Cesar esteve assíduo nas cinco primeiras caminhadas, compondo a coordenação como representante do GRUNEC.

Valéria Gercina das Neves Carvalho é educadora popular e integrante do GRUNEC (Grupo de Valorização Negra do Cariri), foi uma das fundadoras do grupo. A sua relação com as religiões de matriz africana aconteceu desde criança, pois seu avô era da religião. A entrevistada relatou que aprofundou ainda mais sua relação com as religiões de matriz africana quando também se inseriu na organização da Caminhada pela Liberdade Religiosa logo no início. Conhecida em todo estado do Ceará, Valéria Gercina das Neves Carvalho é uma mulher preta, que luta pela vida do povo negro. Traz consigo o senso de justiça e solidariedade.

Com essa cartilha, pretendemos dar suporte para a discussão acerca do racismo religioso no âmbito educacional. Procuramos apresentar conceitualmente essa violência, apontar a potencialidade educacional da Caminhada pela Liberdade Religiosa (Juazeiro do Norte - Ceará), como também sugerir outras possibilidades que trabalhem essa questão no campo da prática pedagógica.

Além dessa cartilha, produzimos uma dissertação com uma discussão mais aprofundada em relação ao resultado dessa pesquisa. O título do texto dissertativo é “Educação que movimenta: Reflexões sobre o enfrentamento ao racismo religioso na educação a partir da Caminhada pela Liberdade Religiosa, Juazeiro do Norte - Ceará”.

A seguir, teremos apontamentos para uma educação dentro da luta pela garantia dos direitos dos povos de terreiro de matriz-africana.

<sup>1</sup> Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC), fundado há mais de 20 anos, atua na região do Cariri cearense como uma ferramenta de luta do povo negro para garantir que a população negra tenha seus direitos garantidos e que ocorra uma reparação histórica diante da trajetória racista brasileira.

## AFINAL, POR QUE RACISMO RELIGIOSO E NÃO INTOLERÂNCIA RELIGIOSA?

A escravização do povo negro no território brasileiro ocorreu de forma violenta. Esse foi trazido compulsoriamente do continente africano com a finalidade de os transformarem em objeto de exploração.

No período colonial, os povos africanos trazidos para o Brasil eram proibidos de manifestarem suas culturas. As religiões representavam, para esses povos, importante pilar da vida. Nesse sentido, os escravagistas criminalizavam essas manifestações de fé. “As repressões às religiões de matriz africana iniciam-se ainda em período escravocrata, o país era desde o início da colonização dominado pela igreja Católica, de forma que qualquer outra manifestação religiosa era entendida como contravenção penal” (FERNANDES, 2017, p. 3).

As religiões afro-brasileiras são as principais heranças que o povo negro tem. Nas manifestações religiosas são preservadas diversas características das culturas africanas, conservando as histórias, valores, crenças e práticas.

As religiões de matrizes africanas têm como base a oralidade. A oralidade representa a conexão que existe entre a memória e a história. Por outro lado, a tentativa do colonizador foi de colocar essas características que são das culturas africanas como algo para se ter rejeição. E no período colonial brasileiro, essas religiões foram alvo de criminalização e marginalização.



Consequência disso é que a representação do negro, historicamente, é vinculada a uma imagem negativa. Assim, o que tem relação com as africanidades é visto como algo danoso. E, no Cariri cearense, essas representações negativas acerca das africanidades ainda está presente. “No Cariri cearense, intento de investigação, não é diferente, pois, reproduziram teorias racistas, da eugenia, passando pelo mito da democracia racial e do paraíso racial” (DOMINGOS, 2015, p. 163).

Na trajetória histórica brasileira, as vivências de espiritualidades amparadas na cosmovisão africana são demonizadas. Consequentemente, pessoas que fazem parte das religiões de matrizes africanas, nos dias atuais, sofrem repressões. Essa opressão é compreendida como racismo religioso.

Por esse ângulo, o racismo religioso se manifesta nas violências que sofrem as pessoas que vivenciam uma fé que tem origem nas africanidades. O racismo religioso é um aspecto da história brasileira.

Na academia e nos movimentos sociais, o conceito de racismo religioso tem sido colocado como a definição adequada. Antes, o termo utilizado às repressões que sofrem as religiões afro-brasileiras era “intolerância religiosa”, porém esse termo não tem sido suficiente para conceituar as violências que sofrem os povos de religiões de matriz africana.

No período colonial, essa fé - quando vivenciada - era experienciada, na maioria das vezes, às escondidas. Uma estratégia de sobrevivência foi a utilização dos santos católicos para representarem as Divindades dessas religiões.

Na atualidade as violências que sofrem as pessoas que têm como vivência da fé as religiões de matrizes africanas é o racismo religioso. Sendo, consequentemente, importante o combate a essa opressão que é característica de uma história que tentou marginalizar o negro.

Conforme Nathalia Vince Esgalha Fernandes (2017), durante o período colonial, as religiões afro-brasileiras eram perseguidas. Mesmo após a independência do Brasil e na República, a repressão contra as religiões de matriz africana foi legitimada por códigos penais na Constituição do país. Wanderson Flor do Nascimento (2017) traz alguns questionamentos, como: “quantos templos budistas, quantas sinagogas, quantas mesquitas vimos serem derrubadas pelo Estado ou incendiadas por gestos de intolerância?” (p. 54).

Isto posto, ainda que a atual Constituição (1988) garanta a liberdade de crença em seu Art. 5º, em contraposição, nas práticas cotidianas isso não ocorre. Segundo a Secretaria Estadual de Direitos Humanos do Rio de Janeiro, no ano de 2017, ocorreu um aumento de 51% nos casos registrados por intolerância religiosa.

É manchete numa matéria da Super Interessante: “País registra cada vez mais agressões e quebras de terreiros” (MOTTA; JACOBS, 2018). E em seguida, colocam: “A cada 15 horas, uma queixa de discriminação por motivo religioso é registrada no Brasil, a maioria contra credos afro-brasileiros” (MOTTA; JACOBS, 2018).

Diante do exposto acima, visualiza-se que o racismo religioso expressa essa violência brutal contra o povo de terreiro. Assim, o sentido é combater essas formas de violências. Em entrevista, Maria Isabel Galdino dos Santos nos diz que “Então era isso que a gente queria, era que os filhos da gente tivessem a liberdade de sair à rua com todos os seus paramentos e... até aí não tinha, a gente ainda sofreu” (entrevista concedida em outubro de 2020). Por conseguinte, a luta contra o racismo religioso é para garantir que esses acontecimentos acabem. A Caminhada pela Liberdade Religiosa traz esse direcionamento, os povos de terreiro denunciam esses episódios e apontam outras formas de pensar e agir nesse mundo.



# CAMINHADA PELA LIBERDADE RELIGIOSA, JUAZEIRO DO NORTE - CEARÁ

“Se quiser ir rápido, vá sozinho. Se quiser ir longe, vá acompanhado.”  
(Provérbio Africano)

O movimento social Caminhada pela Liberdade Religiosa tem o marco inicial em 21 de janeiro de 2010. Surge a partir da inspiração da caminhada nacional contra a intolerância religiosa que ocorre no Rio de Janeiro. Nas entrevistas, os (as) entrevistados (as) nos relatam que a Caminhada foi fruto de uma caminhada.

Portanto, todo o Ceará, e, conseqüentemente, a região sul do Ceará, que é o Cariri, é constituído pela população negra. Em decorrência disso, a cosmovisão africana está presente nessa localidade. Essa cosmovisão se expressa nos terreiros. A Caminhada pela Liberdade Religiosa traz essa perspectiva.

Então assim, colocar a caminhada na rua requer um esforço muito grande de todos os envolvidos, todos os terreiros envolvidos e eu tenho convicção que é uma grande estratégia antirracista da gente, é uma grande aula, é uma grande aula que passa todo ano nas ruas de Juazeiro, quiçá todas as cidades desse Brasil tivesse uma caminhada contra a intolerância religiosa, porque seria a oportunidade que o povo todo teria de ter uma aula a céu aberto, pelas ruas de cada, né? (Valéria Gercina das Neves Carvalho, entrevista concedida em outubro de 2020)

Na cidade de Juazeiro do Norte, essa localizada na região do Cariri cearense, há a forte presença de terreiros, como apontam Joselina Silva e Reginaldo Ferreira Domingos (2009), e alguns desses têm como lideranças as mulheres. Esses (as) mesmos (as) autores (as) colocam que as mulheres nas casas de candomblé na cidade de Juazeiro do Norte têm, em grande parte, os direitos iguais aos dos homens. É crucial a presença de lideranças femininas nos terreiros de candomblé na cidade de Juazeiro do Norte pelo motivo de essa cidade ser traçada por uma história que visibiliza apenas homens como líderes, é o caso do Padre Cícero, Floro Bartolomeu, entre outros.

Todo o Ceará tem presença negra de forma expressiva. Na atualidade, a população negra é maioria em todo Ceará<sup>1</sup>. Conseqüentemente, as africanidades estão entrelaçadas na cultura de todo Estado.

É essencial pensar uma educação que pautе as relações étnico-raciais, como aponta Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2007). Essa educação assume alguns princípios, são eles: percepção política e histórica da diversidade, consolidação de identidades e de direitos e intervenções que conduza ao combate ao racismo e a discriminação.

A educação é um espaço que, historicamente, expressa as desigualdades da sociedade. Wanderson Flor do Nascimento (2015) trata da escola como sendo um espaço que muitas vezes perpetua ideias excludentes. E no Brasil, o poder público e governamental, desde o início da colonização portuguesa, é ligada à Igreja Católica, projetando em todas as esferas sociais, econômicas, políticas e educacionais a visão de mundo dessa religião. A Caminhada pela Liberdade Religiosa assumiu também outros movimentos que

não acontecem somente na rua, mas em localidades que se abrem para a discussão do combate ao racismo religioso.

Então, desse tempo em diante, nós começamos a ir para as escolas... depois que começou a caminhada, nós íamos para as escolas, fazia, era eu e essa menina Herlania, fazia palestra nas escolas, fazia apresentação, entendeu? Começamos, isso foi uma coisa que foi ajudando a nós, foi acabando aquele preconceito que tinha com a gente e nós tivemos o direito de... se mostrar na rua o que nos era, né? (Maria Isabel Santos Galdino, entrevista concedida em outubro de 2020)

No Juazeiro do Norte, visto que historicamente o espaço escolar não acolheu efetivamente o sentido de uma educação antirracista, a rua apresenta-se como possibilidade para tratar dessa questão.

Então Juazeiro do Norte depois da Caminhada, depois desse processo ele muda, ele muda, porque depois que ele vê 02/03 pessoas de branco no centro eles sabem que são pessoas de santo né, quando eles observam hoje o ocã que hoje são indumentárias do laô quando sai dos nossos preceitos, que hoje graças a Olorum, a gente não precisa esconder né, quando a gente tem nossa liberdade de andar sem depender de um processo, como que eu falo disso, não esconder quando a gente está livre, quando a gente é a gente né, ser civil. (Herlania Batista Galdino, entrevista concedida em outubro de 2020)

Assim, as religiões afro-brasileiras se constituem como resistência às práticas racistas, porquanto conservam as diversidades culturais africanas que foram trazidas pelos (as) africanos (as). Portanto, a população negra se organizou e se organiza na atualidade de diversas formas para combater o sistema racista. O movimento social é uma ferramenta utilizada como resistência para essa população.

Porquanto, a forma de manifestação de rua realizada pelos movimentos sociais é utilizada regularmente na intenção de cobrar dos governantes políticos saídas para os problemas sociais, como também de dialogar com a população que está sendo público para o movimento, por conseguinte, aqui apresentamos que a Caminhada pela Liberdade Religiosa é uma ferramenta educacional formativa e informativa.

Sim, né... A caminhada ela é, no meu ver, por mais que eu não seja mais participante das lutas diretamente, mas eu acho que no que se refere a luta contra a intolerância religiosa, contra o racismo também, foi o movimento de maior impacto. Chamou a atenção das pessoas. Porque Juazeiro lógico que sempre teve terreiro, no Cariri sempre teve terreiro de umbanda, de candomblé um pouco mais a frente. Mas, assim, faltava essa saída do terreiro pra rua, esse impacto, essa afirmação política. E nessa afirmação política é que nasce o sentido pedagógico da caminhada, no sentido de - como você tenta direcionar a sua pesquisa - educativo de fazer as pessoas refletirem sobre preconceito religioso, sobre o racismo religioso, que a palavra certa é essa, e como que isso atua aqui no Juazeiro e como as pessoas de terreiro eram e são afetadas por esse racismo religioso. (Diego Cesar dos Santos, entrevista concedida em outubro de 2020)

Nesse sentido, compreende-se a relevância das Caminhadas que existem em todo Brasil. Mostrando, portanto, uma educação que dialoga diretamente com a população. E no que concerne ao campo institucional da educação, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira já traz em seu texto a importância e a obrigatoriedade do combate ao racismo. O ponto a seguir irá direcionar essas questões.

<sup>1</sup>A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua 2018 registrou que o Ceará é composto por 5,3% de pretos, 67,5% de pardos e 28,2% de brancos.

# **JÁ É LEI NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA!**

## **LEIS Nº 10.639/2003 E 11.645/2008**

No sentido de romper com essa estrutura; aqui, apontamos que o campo educacional é uma ferramenta possível para discutir essas questões e combatê-las. Para isso, como começo, é necessário garantir que a lei 10.639 (BRASIL, 2003) seja efetivada não por afinidade do (a) professor (a) com as questões afro-brasileira, mas por toda classe de professor (a), porquanto a lei é para ser atendida por todos (as).

O combate ao racismo religioso é uma situação urgente a ser combatida. Como a escola não tem avançado de forma rápida como pede a demanda, outras formas vão surgindo para garantir que essa violência finde. No Brasil acontecem diversas caminhadas que pautam o combate ao racismo religioso.

E para efetivarmos a perspectiva de uma educação pautada no respeito às diversidades, é necessário o comprometimento educacional com a Lei 10.639. Pois, segundo anuncia uma matéria da Carta Capital (BASÍLIO, 2020), a lei 10.639 (BRASIL, 2003) ainda se encontra bastante em desconhecimento do professorado brasileiro. Ficando, portanto, a discussão acerca das culturas africanas no Brasil para o mês de novembro (mês da consciência negra). No entanto, o movimento negro e de terreiro reivindicam que cotidianamente essas questões sejam pautadas, pois o que acontece é uma falta de informação ou uma informação deformada e, a partir disso, gera as ideias e práticas que escancaram o racismo brasileiro.

A educação brasileira se constitui a partir de elementos que funcionam na direção de marginalizar as religiões afro-brasileira. Saviani (2007) expõe que no processo de colonização do Brasil há uma forte relação entre educação e catequese. E essa catequese cumpria a diretriz de tentativa de aculturação dos povos indígenas.

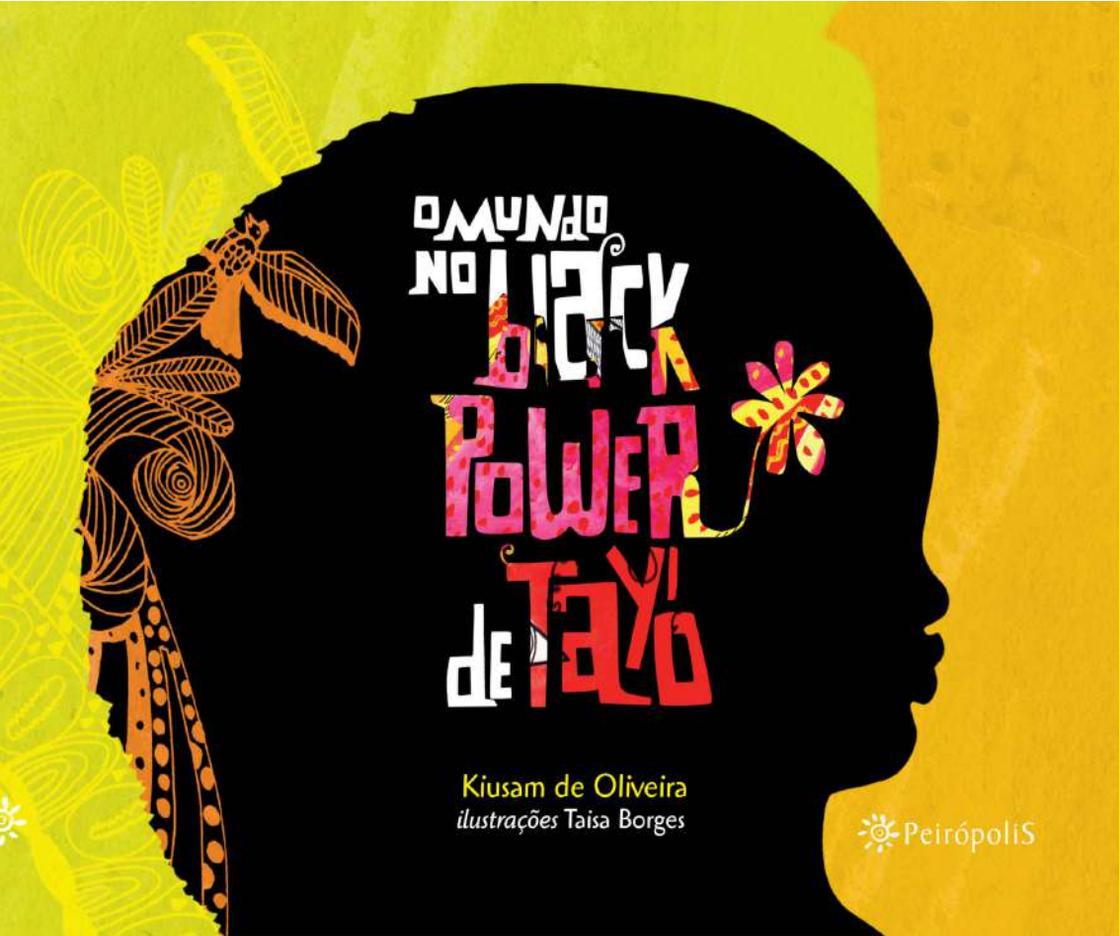
Em consonância a Lei 10.639/2003, a Lei 11.645/2008 vem complementar na diretriz de incluir também a obrigatoriedade do ensino e a história das culturas indígenas no ensino básico. Essas orientações estão contidas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira. E essa lei é a base que estrutura e legaliza o formato da educação brasileira.

De forma mais propulsora, será apontado na discussão seguinte alguns direcionamentos para - de forma prática - mostrar algumas das muitas possibilidades de trabalhar o combate ao racismo religioso no campo educacional.

A photograph of a woman in traditional white attire, possibly a religious or cultural ceremony. She is wearing a white headscarf and a white dress with intricate gold embroidery. She is holding a bouquet of white flowers. The background is dark and out of focus, suggesting an outdoor setting with trees. The text is overlaid on the image.

# DA EDUCAÇÃO INFANTIL AO ENSINO SUPERIOR

possibilidades para uma educação que  
pauete o combate ao racismo religioso



## “O mundo no black power de Tayó” - Kiusam Oliveira

Tayó é uma menina criativa, inteligente e linda. Traz a força e a proteção dos Orixás, sendo sempre fortalecida por eles. Esse livro pode ser encontrado facilmente para venda em sites de compra de livros virtual.



#PotênciasNegras 14: PAI  
ADAILTON MOREIRA  
3,1 mil visualizações · há 2 anos



Muro Pequeno

Link do vídeo: [https://www.youtube.com/watch?v=5QOgqf\\_TFGI](https://www.youtube.com/watch?v=5QOgqf_TFGI)

“No 14º vídeo da série #PotênciasNegras, converso com o Babalorixá Adailton Moreira, líder do Ilê Omiojuarô, casa de candomblé fundada por sua mãe biológica, Mãe Beata de Iemanjá, um verdadeiro ícone da luta pelos direitos humanos e pelos direitos da população negra no Brasil. Seguindo orgulhosamente o legado de sua mãe, Pai Adailton tem sido um importante representante da luta anti-racista e de defesa dos povos de terreiro. Na entrevista, tivemos uma bonita conversa pautando especialmente o projeto de sociedade proposto pelo Candomblé - que é de fato um projeto, mais do que uma religião.”



Mestre Didi: Arte Ritual  
14 mil visualizações · há 4 anos



União de Todas as Nações

Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=AxE6kY5c1vs>

“Sinopse: O documentário apresenta a comunhão entre religiosidade e estética presente nas obras de Mestre Didi, que as faz com maestria através do uso de materiais naturais. O ateliê do artista é o local escolhido para nos apresentar o Mestre em sua produção manual, atenta e sensível. A cidade de Salvador/BA, com suas praias e arquitetura, também aparece como cenário, por ser a cidade natal do artista e também por ser o berço da cultura trazida pelos africanos para o Brasil. Além das colocações do próprio Mestre Didi, outras pessoas, como sua esposa e antropóloga Juana Elbein dos Santos, tornam-se porta voz de suas produções, enaltecendo a transcendência religiosa, os elementos estéticos universais e as suas sábias e simbólicas escolhas dos materiais na feitura dos objetos que representam a natureza.”



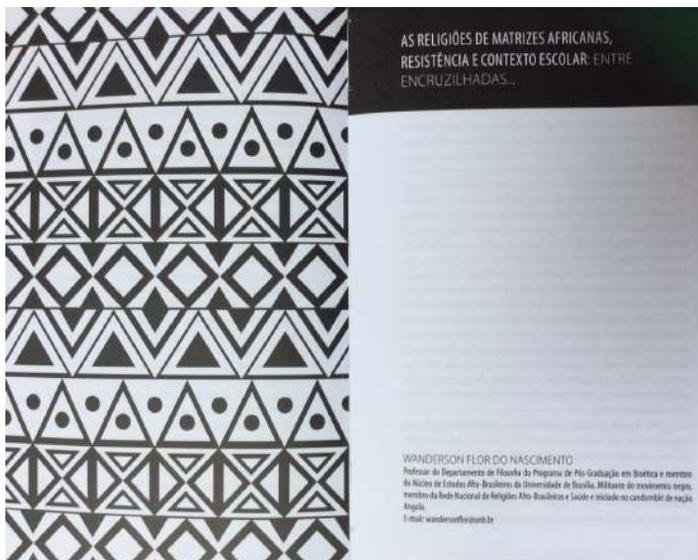
1º Ciclo | Sociedade e espiritualidade: Culto Afro: uma...  
4,8 mil visualizações · há 5 anos



Academia Brasileira de Letras

Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=3KWTRHRT0gl&t=2707s>

Nesse vídeo esplêndido, Muniz Sodré fala sobre a potência das religiões de matriz africana. Um suporte para formação de professores (as) com a direção de conhecer melhor sobre as religiosidades afro-brasileiras.



O texto “As religiões de matrizes africanas, resistência e contexto escolar: entre encruzilhadas...” com autoria de Wanderson Flor do Nascimento (2015) retirado do livro “Memórias de Baobá II”, traz uma breve discussão acerca da educação escolar em relação as religiões de matriz africana. O autor nos convida a repensar o espaço educacional na direção de garantir as diversidades nesse campo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

KÁSSIA MOTA DE SOUSA



ENTRE A ESCOLA E A RELIGIÃO: DESAFIOS PARA CRIANÇAS DE  
CANDOMBLÉ EM JUAZEIRO DO NORTE

FORTALEZA  
Setembro de 2010

“Entre a escola e a religião: Desafios para crianças de candomblé em Juazeiro do Norte”

Nessa dissertação, a autora Kássia Mota de Sousa (2010) apresentou o resultado de uma pesquisa realizada com crianças de candomblé, adultos, professores e coordenadores escolar da cidade de Juazeiro do Norte, traçando a análise dos obstáculos que as crianças de candomblé passam no ambiente escolar pelo motivo dessa sociedade ser alicerçada ainda no racismo religioso. Leitura imprescindível para compreensão dos desafios no âmbito educacional com relação as religiões de matriz africana e também das possibilidades para outro formato de educação escolar. Essa dissertação pode ser facilmente encontrada no Catálogo de Teses e Dissertações - CAPES.

“Pedagogias da transmissão da religiosidade africana na casa de candomblé labasé de Xangô e Oxum em Juazeiro do Norte - CE”

Com autoria de Reginaldo Ferreira Domingos, o texto “Pedagogias da transmissão da religiosidade africana na Casa de Candomblé labasé de Xangô e Oxum em Juazeiro do Norte - CE” (2011) nos mostra a potência pedagógica existente nos terreiros de matriz africana. Essa dissertação pode ser facilmente encontrada no Catálogo de Teses e Dissertações - CAPES.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

REGINALDO FERREIRA DOMINGOS

PEDAGOGIAS DA TRANSMISSÃO DA RELIGIOSIDADE AFRICANA NA  
CASA DE CANDOMBLÉ LABASÉ DE XANGÔ E OXUM EM JUAZEIRO DO  
NORTE-CE

FORTALEZA  
2011

## REFERÊNCIAS

BASÍLIO, Ana Luíza. Quinze anos depois, Lei 10.639 ainda esbarra em desconhecimento e resistência. 12 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/quinze-anos-depois-lei-10-639-ainda-esbarra-em-desconhecimento-e-resistencia/> Acesso em: 30 de outubro de 2020.

BOTELHO, Denise; NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Educação e religiosidades afro-brasileiras: a experiência dos candomblés. Participação n. 17.

DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. Pedagogias da transmissão da religiosidade africana na casa de candomblé labasé de Xangô e Oxum em Juazeiro do Norte - CE. 2011. 172f.. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. Religiões tradicionais de base africana no Cariri Cearense: Educação, Filosofia e Movimento Social. 2015. 256f.. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

FERNANDES, Nathalia Vince Esgalha. A raiz do pensamento colonial na intolerância religiosa contra as religiões de matriz africana. Revista Calandu, v. 1, n. 1, p. 117-136, jan./jun. 2017.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. As religiões de matrizes africanas, resistência e contexto escolar: entre encruzilhadas... Memórias de Baobá II. Adilbênia Freire Machado, Maria Kellynia Farias Alves e Sandra Haydée Petit (Organizadoras). Fortaleza, Imprece, 2015. P. 41-59.

MOTTA, Aydano Andre; JACOBS, Cláudia Silva. País registra cada vez mais agressões e quebras de terreiros. Super Interessante, 02/02/2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/sociedade/pais-registra-cada-vez-mais-agressoes-e-quebras-de-terreiro/>. Acesso em: 24/04/2020.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. O fenômeno do racismo religioso: Desafios para os povos tradicionais de matrizes africanas. Revista Eixo. Brasília- DF, v. 6, n. 2, novembro de 2017.

OLIVEIRA, Kiusam de. O mundo no black power de Tayó. Ilustrado por Taisa Borges. São Paulo: Editora Peirópolis, 2013.

PAULINO, Nicolas. População declarada negra cresce no Ceará, mas índice é o menor do Nordeste, aponta IBGE. G1, 22/05/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/05/22/populacao-declarada-negra-cresce-no-ceara-mas-indice-e-o-menor-do-nordeste-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em: 09/06/2020.

Preconceito de fé. A escalada do racismo religioso no Rio. Oásis, 28/08/2019. Disponível em: <https://www.brasil247.com/oasis/preconceito-de-fe-a-escalada-do-racismo-religioso-no-rio>. Acesso em: 15/02/2020.

SAVIANI, Dermeval. Histórias das ideias pedagógicas no Brasil. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2007.

SILVA, Joselina da; DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. As religiões afro-brasileiras na voz das mulheres lideranças em Juazeiro do Norte. Revista Tempo da Ciência, 1º semestre 2009.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. Educação. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.

SOUSA, Kássia Mota de. Entre a escola e a religião: Desafios para crianças de candomblé em Juazeiro do Norte. 2010. 145f.. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

## REFERÊNCIAS DE IMAGENS\*

<https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/noticias/estado-educacao-e-religoes-de-matriz-africana/>

<https://www.editorapeiropolis.com.br/wp-content/uploads/2018/03/320.jpg>

\*As referências estão em ordem de aparecimento na cartilha.

\*\* As demais imagens que aparecem na cartilha são prints e fotografias da própria autora.

